



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8329 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE CURRICULAR DA BNCC NA PERSPECTIVA DA TEORIA CRÍTICA

Kerullyn de Oliveira Silva Samudio - UEMS/UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL

Keyla Andrea Santiago Oliveira - UEMS/UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL

CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE CURRICULAR DA BNCC NA PERSPECTIVA DA TEORIA CRÍTICA

Um dos documentos mais atuais para se pensar a educação infantil é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada no ano de 2017 (BRASIL, 2017). Ela aponta que o movimento, assim como as brincadeiras e o lúdico ganham protagonismo na hora de aprender. A partir disso, nasceu o objetivo deste artigo, analisar qual é a representatividade de corpo infantil segundo a BNCC e apontar o papel do professor no processo ensino-aprendizagem tendo como premissa o corpo fora dos padrões da indústria cultural.

Com base na teoria crítica, realizamos essa pesquisa documental e bibliográfica no qual o corpo infantil não pode ser categorizado e nem disciplinado. A educação na perspectiva crítica vislumbra desde a infância uma educação formadora que torne o sujeito um ser crítico e emancipado na sociedade. Nos embasamos nas obras de Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973) e Walter Benjamin (1892-1940). Esses intelectuais cultivavam a teoria crítica da sociedade em contraposição à teoria tradicional que se baseava apenas nas ciências da natureza. Para esses críticos, a ciência pautada apenas na razão pragmática, técnica e racional, era reducionista e fria.

Como é um documento de grande dimensão e complexidade, nossa proposta através desta pesquisa não é observar erros e acertos, é analisar particularmente a parte destinada à educação infantil e os apontamentos que ela traz sobre o campo de experiências “corpo, gestos e movimentos”. Uma problemática que se constata aqui é que a última versão da BNCC compartimentou a educação infantil e separou a construção desse conhecimento por áreas (campos de experiências), o que não tem nexo e é incoerente já que a criança aprende com o todo. Mesmo assim, examinar a base e discuti-la é contemplar algo que está proposto

para dentro da escola, é submete-la à reflexão, entender o texto dito, mas sobretudo o não dito.

Desta forma, levantamos algumas perguntas para nortear esta temática: Qual a relação do corpo com meio social e cultural? Como as diferentes linguagens se manifestam? A experiência é fator determinante para se trabalhar o corpo? Qual a centralidade do corpo nos estudos para a construção da base?

Serão abordadas três partes para melhor entendimento da análise: A primeira é a relação física do corpo com o entorno, o corpo ativo que estabelece relações e explora o conhecimento de si e do mundo no universo social e cultural. A segunda é a relação do corpo com as diferentes linguagens (música, dança, teatro e brincadeiras). E a terceira é a centralidade que o corpo ganha na educação infantil por ser o seu instrumento principal de trabalho (BRASIL, 2017).

A priori, a BNCC não encara a criança num corpo passivo, mas um corpo ativo no centro do processo que precisa realizar experiências e se movimentar, onde o conhecimento se dá através das experiências. Sabemos que as experiências estéticas e corporais na infância são determinantes para a vida adulta, e que as relações com o universo social e cultural apontados pela BNCC determinam que tipo de sujeitos estamos almejando na sociedade.

Neste sentido, trazemos para as discussões o autor Walter Benjamin (1987) que incluiu em seus estudos a experiência da vida do sujeito, sobretudo na infância a partir da sua própria vida e das suas lembranças. Em sua obra, percebemos que a pobreza das experiências interfere diretamente na vida e no corpo dos sujeitos e que isso é uma nova barbárie. Obviamente, olhar para as experiências é olhar para a autonomia e sensibilidade da qual a infância não pode perder de vista.

Se queremos crianças autônomas, precisamos fugir do mundo administrado pela indústria cultural e suas ferramentas que empobrecem as experiências na infância e proíbem o pensar crítico na sociedade. Para garantir uma formação cultural autônoma e livre das manifestações da indústria cultural, faz-se necessário olhar para a criança como produtora de cultura, inclusive corporal. Com o advento tecnologia, da mídia e da internet essas experiências foram reduzidas, portanto sinalizamos que o uso inadequado desses mecanismos pode subestimar o universo infantil a padrões culturais de massa convencional que aprisiona e não exercita o pensamento. “Pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. A educação para a experiência é idêntica à educação para emancipação” (ADORNO, 1995, p. 151).

Como não pensamos no corpo isolado, temos que levar em consideração o meio social e a formação cultural que se tem. Então, olhar para a diversidade cultural das crianças enquanto produtores de cultura é pensar: que cultura corporal é essa? Aquela imposta pela mídia e pelo mercado voltado para o público infantil? Ou aquela lúdica que carrega consigo a riqueza da inocência? Essa cultura midiática segrega alguns corpos, negando-os, estimulando ideias de preconceito e padronização. Logo a avaliação crítica propõe desconstruir para então reconstruir valores culturais embutidos no currículo.

Pensar nessas experiências exige pensar na ludicidade que é notória e faz parte da vida humana, principalmente na fase da educação infantil, em que o mundo imaginário da criança e tudo aquilo que complementa a fantasia do universo infantil está totalmente em evidência. O lúdico tem um papel de extrema relevância na aprendizagem e na construção do conhecimento, pois apresenta valores específicos para todas as fases da vida humana, principalmente na idade infantil que não deve ser marcada por conhecimentos pedagógicos impostos de forma não lúdica e nem prazerosa.

Esses modos de ser, sentir e fazer na infância carregam em si a subjetividade e a essência do natural, da espontaneidade, da liberdade e da criatividade que são próprias das crianças e que não devem se perder ao longo do caminho devido uma formação baseada apenas nas técnicas de reprodução. Essas técnicas são as inúmeras formas de sistematizar as linguagens e padronizá-las em uma falsa prática. Por conseguinte, deve haver um resgate desse corpo brincante para uma educação de qualidade que respeite as vivências individuais de cada um. O desenvolvimento integral é alcançado com eficácia quando o sujeito corporal se torna produtor de conhecimento e não apenas receptor do mesmo.

Não há dúvida de que essas experiências contemplam o corpo na BNCC e na teoria crítica. Contudo, salientamos que a sua concepção precisa ser mais bem explicitada na BNCC, pois sem essa evidência minuciosa o que será trabalhado é o que está massificado. As afirmações do documento não podem ser gerais, senão corre-se esse risco da reprodução. Diante desses fatos, chamamos atenção para o brincar não voltado para o consumismo e sim para um brincar tradicional que independe de lugar e de objetos, em que as diferentes linguagens devem ser trabalhadas, mas não como forma de reprodução posta pela indústria cultural muitas vezes presente na escola e sim como criação infantil não institucionalizada.

É evidente que a BNCC trouxe para as discussões da infância os corpos e apontou o meio social e cultural como fundamental na construção de práticas pedagógicas, porém, não sinalizou as diversas formas de viver a infância muitas vezes precárias que sofrem pela sociedade capitalista, pela violência, fome, abuso, abandono, o não conseguir ser criança. Para ampliar o universo de experiências é necessário ter um olhar crítico através da compreensão e problematização do histórico desses corpos construídos e vividos que carregam em si uma infância e uma vida.

Este é um dos desafios mais urgentes da nossa sociedade, articular o estudo do corpo infantil na construção dialética do trabalho pedagógico que atenda as demandas desse ser ativo dentro da escola. Respeitar a criança, o brincar, os modos de ser, ocupar e usar o espaço na construção de referências educativas é condição necessária para perceber o corpo como partícipe privilegiado na hora de aprender.

O que se indaga a partir da análise crítica é enxergar esse corpo na sua totalidade e desenvolver junto do currículo um olhar sensível para as experiências formativas que serão oferecidas às crianças dentro do espaço escolar. A escola, neste sentido, desempenha um papel valioso enquanto instituição que recebe esses corpos infantis. Sabemos que ela não pode negar a singularidade das crianças e nem produzir sujeitos parados, estáticos e alienados na sala de aula como era antes no século passado. A própria prática do professor tem que estar ligada à realidade infantil, à sensibilidade das experiências formativas e aos corpos vivos presentes na sala de aula.

Como as diferentes linguagens contemplam o corpo na BNCC e na teoria crítica, o que fica de ressalva é a preocupação com a reprodução de práticas culturais sem reflexão mais aprofundada, devemos fugir do mundo administrado pela indústria cultural e não deixar que este invada o ambiente escolar através da reprodução de padrões corporais, de cultura, de arte e até de brincadeiras.

Finalizo minhas ponderações considerando que é imprescindível trazer essas reflexões e articula-las à BNCC já que esse é o documento mais atual para se pensar o corpo na educação infantil e as práticas pedagógicas em sala de aula que não deveriam ser fragmentadas ou compartimentadas. O professor ao compreender essa articulação poderá conduzir a aprendizagem infantil para a formação do ser mais crítico, autônomo e emancipado que tanto desejamos na nossa sociedade.

Palavras-Chave: Infância. Currículo. Experiências corporais. Teoria Crítica

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução de: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, MAX. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Obra, magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.